



ANÁLISES DE PAISAGENS URBANAS: A CIDADE DE PIRENÓPOLIS (GO).

Gabriela Bernardes Silva ¹

RESUMO

O termo paisagem é apresentado para definir o conceito de unidade da geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica dos fatos. Esses fatos da geografia na verdade são fatos de lugar, cuja sua associação origina do conceito de paisagem. Do mesmo modo, os fatos da história são fatos do tempo. Por definição a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constitui um sistema geral. Paisagem urbana é o aspecto visível do espaço, é sua expressão formal, aparente. Enquanto dimensão formal, expressa o conteúdo, as relações sociais que a forma. A paisagem urbana é histórica, social e concreta. O espaço é o conteúdo, são as relações sociais em movimento e que se materializam espacialmente. Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo analisar as paisagens urbanas da cidade de Pirenópolis situado no estado de Goiás. Para isso foi feita uma revisão teórica sobre cidade, espaço urbano e paisagens urbanas. Assim, foram consultados alguns autores como: Carlos (1992), Corrêa (1989), Cavalcanti (2001), Rosendahl (1998), e entre outros. Foi feito também uma pesquisa empírica na cidade de Pirenópolis, (GO). A mesma, tombada como conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em 1989, o município conta com um Centro Histórico ornado com casarões e igrejas do século XVIII, como a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1728-1732). Mais adiante veremos algumas paisagens urbanas da cidade de Pirenópolis, (GO).

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem Urbana, Patrimônio Histórico e Pirenópolis (GO).

TITLE OF WORK

ABSTRACT

The term landscape is presented to define the concept of unity of geography to characterize the peculiar geographic association of facts. These facts of geography are actually facts of place, whose concept originates from its association landscape. Similarly, the facts of history are facts of time. By definition the landscape has an identity that is based on recognizable limits and generic relations with other landscapes, which is a general system constitution. Urban landscape is the visible aspect of space is formal, apparent expression. While formal dimension expresses the content, the social relations that shape. The urban landscape is historical, social and concrete. Space is the content, are the social relations in motion and spatially materialize. Therefore, this paper aims to analyze the urban landscapes of the city of Pirenópolis located in the state of Goiás. Done it was a theoretical review of city, urban space and urban landscapes. Thus, some authors have found as: Carlos (1992), Cooke (1989), Cavalcanti (2001), Rosendahl (1998), and others. Was also made an empirical research in the city of Pirenópolis (GO). The same, listed as architectural, urban, landscape and historical set IPHAN - Institute of

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia na Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. E-mail. gabrielabernardes@outlook.com



Historical and Artistic Heritage in 1989, the city has a historic center with ornate mansions and churches of the eighteenth century as the Church of Our Lady the Rosary (1728-1732). Later we will see some urban cityscapes Pirenópolis (GO).

KEY-WORDS: *Townscape, Heritage and Pirenópolis (GO).*

TÍTULO DEL TRABAJO

RESUMEN

El término paisaje se presenta para definir el concepto de unidad de la geografía para caracterizar la asociación geográfica peculiar de los hechos. Estos hechos de la geografía son realmente hechos de lugar, cuyo concepto se origina en su paisaje asociación. Del mismo modo, los hechos de la historia son hechos del tiempo. Por definición, el paisaje tiene una identidad que se basa en los límites reconocibles y relaciones genéricas con otros paisajes, que es una constitución general del sistema. Paisaje urbano es el aspecto visible del espacio es expresión formal, aparente. Mientras dimensión formal expresa el contenido, las relaciones sociales que dan forma. El paisaje urbano es histórica, social y concreto. El espacio es el contenido, son las relaciones sociales en el movimiento y el espacio se materializan. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo analizar los paisajes urbanos de la ciudad de Pirenópolis situado en el estado de Goiás. Fue hace una revisión teórica de la ciudad, el espacio urbano y los paisajes urbanos. Por lo tanto, algunos autores han encontrado como: Carlos (1992), Cooke (1989), Cavalcanti (2001), Rosendahl (1998), y otros. También se hizo una investigación empírica en la ciudad de Pirenópolis (GO). La misma, aparece como arquitectónico, urbanístico, paisajístico y conjunto histórico IPHAN - Instituto del Patrimonio Histórico y Artístico en 1989, la ciudad tiene un centro histórico con sus mansiones ornamentadas e iglesias del siglo XVIII como la Iglesia de Nuestra Señora Rosario (1728-1732). Más adelante vamos a ver algunos paisajes urbanos urbano Pirenópolis (GO).

PALABRAS-CLAVE *Vista de población, Patrimonio y Pirenópolis (GO).*

1 INTODUÇÃO

A paisagem urbana tende a revelar uma dimensão necessária da produção espacial, o que implica ir além da aparência, sendo assim nesse contexto, a análise já introduziria os elementos da discussão do urbano considerado como processo. A paisagem de hoje guarda momentos diversos do processo de produção espacial, que os permite vislumbrar elementos para a discussão da evolução da produção espacial, remetendo-nos ao modo pelo qual foi produzida.

A análise da paisagem urbana faz-nos atentar para o fato de que não estamos descrevendo ou montando um quadro, e sim elaborando uma construção cujo objetivo é entender o modo pelo qual ela se produz, sua substancia e seu conteúdo a partir das relações sociais. É no nível das formas que se dá a mistificação, a coisificação na medida em que as relações sociais tendem a aparecer

como relações entre as coisas.

Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo analisar as paisagens urbanas da cidade de Pirenópolis situado no estado de Goiás. Para isso foi feito uma revisão teórica sobre cidade, espaço urbano e paisagens urbanas. Assim, foram consultados alguns autores como: Carlos (1992), Corrêa (1989), Cavalcanti (2001), Rosendahl (1998), e entre outros.

Foi feito também uma pesquisa empírica na cidade de Pirenópolis, (GO), onde pudemos estar vivendo e presenciando todas as paisagens analisadas. Entre trabalho está dividido em cinco seções: 1 Introdução, onde está sendo apresentado o que compõe este trabalho. 2 Definição de Paisagem, nessa seção definimos paisagem conforme a geografia e através também de vários autores, assim como Corrêa (1988). Mais adiante falaremos sobre 3 A cidade e o espaço urbano, Ana Fani define cidade e nos mostra sobre a interação as cidade com o espaço urbano. Na sessão 4 As paisagens urbanas na cidade de Pirenópolis, (GO), nos mostra o que são e quais são essas paisagens. E por ultimo a sessão 5 Considerações Finais, que fecha todo esse trabalho.

2 DEFINIÇÃO DE PAISAGEM

O termo paisagem é apresentado para definir o conceito de unidade da geografia, para caracterizar a associação peculiarmente geográfica dos fatos. (Rosendahl, 1998). Esses fatos da geografia na verdade são fatos de lugar, cuja sua associação origina do conceito de paisagem. Do mesmo modo, os fatos da história são fatos do tempo. Por definição a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constitui um sistema geral, sendo assim Rosendahl e Corrêa (1998) afirmam que:

A paisagem é considerada, por tanto, em certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica. Podemos seguir Bluntschli ao dizer que não se entende completamente a natureza de uma área até que se "tenha aprendido a vê-la como uma unidade orgânica para compreender a terra e a vida em termos recíprocos"(CORRÊA e ROSENDAHL, 1998, p. 23).

A paisagem então não é simplesmente uma cena real vista por um observador. A paisagem geográfica é uma generalização derivada da observação de cenas individuais. O geógrafo pode descrever a paisagem individual como um tipo ou provavelmente uma variante de um tipo, mas ele tem sempre em mente o genérico e procede por comparação. Exemplo disso são as paisagens terrestres, pois há características marcantes e relacionadas são selecionadas a fim de estabelecer o caráter de a paisagem localizá-la num sistema. Entretanto, a qualidade genérica não existe no mundo biológico. Portanto toda paisagem tem uma individualidade, bem como uma relação com outras paisagens e isso também é verdadeiro com relação as formas que compõe a paisagem.

Podemos formar um ideia sobre paisagem quando relacionamos ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela esta um processo constante de desenvolvimento ou de dissolução e substituição. É nesse sentido uma apreciação verdadeira de valores históricos que fez com que os geomorfólogos ligassem a paisagem física atual ao passado nas suas origens geológicas e a partir daí chegassem a algumas conclusões. Nesse sentido podemos analisar sobre as características da paisagem natural e paisagem cultural.

A paisagem é um conceito que se refere a tudo o que podemos perceber utilizando os nossos cinco sentidos (tato, visão, olfato, paladar e audição). Portanto, todo o ambiente terrestre pode ser considerado como uma paisagem: o caos do centro de uma grande cidade, o espaço de uma fazenda ou a área de um bosque. Em razão da abrangência desse termo, comumente ele é dividido em dois tipos principais: as paisagens naturais e as paisagens culturais.

As **paisagens naturais** são as expressões dos elementos da natureza que não se modificaram ou que foram pouco alterados pelo ser humano, como o espaço de uma floresta virgem ou o topo de uma montanha. Em algumas definições, esse conceito também abrange regiões naturais consideradas inóspitas, ou seja, que não apresentam condições para a manutenção da vida do homem, como uma área de um deserto. As **paisagens culturais** também são chamadas de paisagens antrópicas – são as expressões das atividades humanas. Elas constroem-se a partir

da utilização e transformação dos elementos da natureza pelas atividades realizadas pelo homem. Portanto, todas as edificações artificialmente construídas, bem como as intervenções não naturais sobre o espaço constituem paisagens culturais, como o espaço de uma cidade ou um campo de produção agrícola.

É interessante perceber que, muitas vezes, esses tipos não se segregam, podendo se sobrepor no espaço. Assim, pode haver elementos naturais em paisagens culturais e vice-versa. Quando elementos da natureza são conservados no espaço de uma construção, por exemplo, temos a ocorrência desse tipo de situação. Ao contrário do que muitos imaginam, a paisagem é uma categoria extremamente dinâmica. Ela, além de se portar como uma expressão das práticas humanas ou das ações da natureza, é capaz de narrar, através de suas manifestações aparentes ou ocultas, a história daquele espaço.

É comum encontrarmos, nas manifestações de mundo, elementos referentes ao passado, recente ou remoto. Portanto, a principal característica da paisagem é, sem dúvida, o fato de ela agregar, em si, a sobreposição e confluência das ações do presente e do passado, que muitas vezes convivem lado a lado.

Sendo assim, o conteúdo da paisagem é encontrado nas qualidades físicas da área que são importantes para o homem e nas formas do seu uso da terra, em fatos de base física e fatos da cultura humana. Vemos a seguir sobre o objeto de estudo, que são as paisagens urbanas. Falaremos um pouco sobre, e caracterizando a cidade de Pirenópolis no estado de Goiás.

3 A CIDADE E O ESPAÇO URBANO

Que palavras nós podemos associar quando falamos de cidade? Ruas, prédios, carros, congestionamento, multidão, gente. A cidade aparece aos nossos olhos, tudo que há movimento, tudo que há percepção, como concreto diretamente visível e percebido. Para Carlos (1992) o ritmo não é dado pela natureza, estações do ano, nem pelo clima. A vida é normatizada pelo uso do relógio e as atividades na e da cidade se desenvolvem no período de 24 horas, independente do clima, das condições físicas ou mesmo biológicas. O tempo passa a mediar à vida das

peças, do seu relacionamento com o outro, sendo assim uma relação coisificada, mediada pelo dinheiro e pela necessidade de ganhá-lo.

O ritmo da cidade, marca de tal modo a vida das pessoas que estas perdem a identificação com o lugar e com as outras pessoas. A duração é determinada por um tempo que tem a dimensão de produzir-se social e historicamente, diferente do tempo biológico que é determinado pela natureza.

Na cidade, a separação homem-natureza, a atomização das relações e as desigualdades sociais se mostram de forma eloquente. Mas ao analisá-la, torna-se importante o resgate das emoções e sentimentos. A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz ideias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura. Do mesmo modo que existem formas de entendimento da cidade, criação de imagens da cidade também existem formas de ruptura. Carlos (1992) salienta que a cidade,

é também um campo privilegiado de lutas de classe e movimentos sociais de toda espécie, que questionam a normatização da cidade e da vida urbana. A cidade aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também na divisão social. É materialização de relações da história dos homens, normatizada por ideologias; é forma de pensar, sentir, consumir; é modo de vida, de uma vida contraditória (CARLOS, 1992, p. 26).

Nesse sentido, o pensar o espaço do ponto de vista de sua produção envolve, necessariamente refletirmos sobre a abrangência do significado do termo produção, na medida em que a noção de produção envolve sempre aquela de reprodução. No espaço urbano, por exemplo, fundem-se os interesses do capital, a ação do Estado e a luta dos moradores como forma de resistência contra a segregação no espaço residencial e pelo direito da cidade.

A ideia do urbano transcende aquela de mera concentração do processo produtivo, ele é um produto do processo de produção num determinado momento histórico, não só no que se refere à determinação econômica do processo (produção, distribuição, circulação e troca), mas também as determinações sociais, políticas e ideológicas, jurídicas, que se articulam na totalidade de formação econômica e social.



Eis o que é espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas. É assim a própria sociedade em uma de suas dimensões, aquela mais aparente, materializada nas formas espaciais. Sendo assim, quem produz o espaço urbano? Na verdade o espaço urbano é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço.

São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processos aleatórios atuando sobre um espaço abstrato. A ação desses agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produções, e dos conflitos de classe que nela emergem. É preciso considerar que a cada transformação do espaço urbano, este se mantém fragmentado e articulado, um reflexo e condicionante social, ainda que as formas espaciais e suas funções tenham mudado.

Para Corrêa (1989), vários agentes sociais que refazem a cidade, sendo eles: os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes industriais; os proprietários fundiários; os promotores imobiliários; o Estado e os grupos sociais excluídos.

Os proprietários dos meios de produção necessitam de terrenos amplos e baratos que satisfaçam requisitos locacionais pertinentes às atividades de suas empresas – junto ao porto, as vias férreas ou em locais de ampla acessibilidade a população e etc. A terra urbana tem assim, em princípio, um duplo papel: o de suporte físico e o de expressar diferencialmente requisitos locacionais específicos às atividades.

Os proprietários de terras atuam no sentido de obterem a maior renda fundiária de suas propriedades, interessando-se em que estas tenham o uso que seja o mais remunerador possível, especialmente uso comercial ou residencial de *status*. Estão particularmente interessados na conversão da terra rural em terra urbana, ou seja, tem interesse na expansão do espaço da cidade na medida em que a terra urbana é mais valorizada que a rural. Isso significa que estão fundamentalmente interessados no *valor de troca* da terra e não no seu *valor de uso*.

Outro agente que atua no espaço urbano são os promotores imobiliários. Entende-se um conjunto de agente que realizam, parcial ou totalmente, as seguintes operações: incorporação, que é a operação-chave da produção imobiliária; financiamento; estudo técnico; construção ou produção física do imóvel; comercialização ou transformação do capital-mercadoria em capital-dinheiro.

Estas operações vão originar diferentes tipos de agentes concretos, incluindo o proprietário-contrutor do terreno, um agente clássico e que ainda persistem produzindo poucos e pequenos imóveis, as firmas exclusivamente incorporadoras, aquelas que se especializam na construção ou em uma etapa do processo produtivo, como a concretagem de cimento, outras que incorporam e constroem outras mais especializadas na corretagem e aquelas que concentram em suas mãos todas as operações: algumas destas últimas controlam também outras atividades fora do setor fundiário imobiliário.

Outro agente é o estado, que atua também na organização espacial da cidade. Sua atuação tem sido complexa e variável tanto no tempo como no espaço, refletindo a dinâmica da sociedade da qual é parte constituinte. E por fim outro agente que atua na produção do espaço urbano são os grupos sociais excluídos, que tem como possibilidades de moradia os densamente ocupados cortiços localizados próximos ao centro da cidade – velhas residenciais que no passado foram habitadas pela elite e que se acham degradadas e subdivididas -, a casa produzida pelo sistema de autoconstrução em loteamentos periféricos, os conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado, via de regra também distantes do centro, e a favela.

Como mencionado, esse são os agentes que fazem parte da produção do espaço urbano. Em termos gerais, o conjunto de diferentes usos da terra justapostos entre si. Tais usos definem áreas, como: o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviço e de gestão; áreas industriais e áreas residenciais, distintas em termos de forma e conteúdo social; áreas de lazer; e, entre outras, aquelas de reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado.

Na sessão seguinte falaremos sobre as paisagens urbanas e a cidade de Pirenópolis que fica situada no estado de Goiás. São paisagens naturais e artificiais que compõe o objeto de estudo.

4 PAISAGENS URBANAS – A cidade de Pirenópolis (GO).

Paisagem urbana é o aspecto visível do espaço, é sua expressão formal, aparente. Enquanto dimensão formal, expressa o conteúdo, as relações sociais que a forma. Para Cavalcanti (2001), a paisagem urbana é histórica, social e concreta. O espaço é o conteúdo, são as relações sociais em movimento e que se materializam espacialmente. Paisagem é o conjunto formado pelos objetos e sua disposição, pelos sons e odores, pelas pessoas e seus movimentos. Daí decorre a distinção entre paisagem urbana e o espaço urbano. Na análise do espaço urbano, a paisagem é uma importante categoria, a medida que, pela observação atenta e criteriosa, ela fornece pistas para a compreensão desse espaço. Sendo assim, Cavalcanti (2001) salienta que:

A observação da paisagem urbana permite perceber a espacialização das diferentes classes sociais; áreas deterioradas, áreas segregadas, áreas nobres, áreas em processo de valorização, são facilmente reconhecidas na paisagem. É também possível perceber a historicidade da sociedade materializada nas paisagens, através de formas antigas que permanecem para além das funções que as criaram (CAVALCANTI, 2001, p. 14).

Escolhemos a cidade de Pirenópolis como objeto de estudo para assim analisar suas paisagens urbanas. Para isso iremos conhecer um pouco sobre a cidade de Pirenópolis e suas características.

Pirenópolis significa "a Cidade dos Pireneus". Seu nome provém da serra que circunda a cidade que é a Serra dos Pireneus. Segundo a tradição local, a serra recebeu este nome por haver nas regiões imigrantes espanhóis, provavelmente catalães. Por saudosismo ou por encontrar alguma semelhança com os Pirenéus da Europa, cadeias de montanhas situadas entre a Espanha e a França deram então a esta serra o nome de Pirenéus, mas mais tarde, devido à pronúncia da língua portuguesa no Brasil, surgiu a grafia sem acento.



Pirenópolis é um município histórico, sendo um dos primeiros do estado de Goiás. Foi fundado com o nome de Minas de Nossa Senhora do Rosário Meia Ponte pelo português minerador Manoel Rodrigues Tomar (alguns historiadores denominaram-o como Manoel Rodrigues Tomás). As minas da região foram descobertas pelo bandeirante Amaro Leite, porém foram entregues aos portugueses por Urbano do Couto Menezes, companheiro de Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhanguera Filho, na primeira metade do século XVIII. Segundo a tradição local, o arraial foi fundado em 7 de outubro de 1727, porém não há documentos comprobatórios e muitos historiadores e cronistas antigos afirmam ser a fundação em 1731.

Foi importante centro urbano dos séculos XVIII e XIX, com mineração de ouro, comércio e agricultura, em especial a produção de algodão para exportação no século XIX. Ainda no século XIX, com o nome de cidade de Meia Ponte, destacou-se como o *berço da música goiana*, graça ao surgimento de grandes maestros, bem como *berço da imprensa em Goiás*, já que ali nasceu o primeiro jornal do Centro Oeste, denominado Matutina Meiapontense. Em 1890, mudou seu nome para Pirenópolis, o município dos Pireneus, nome dado à serra que a circunda. Ficou isolada durante grande parte do século XX e redescoberta da década de 1970, com a vinda da capital Brasília para o Centro Oeste. Hoje, é famosa pelo turismo e pela produção do quartzito, a Pedra de Pirenópolis.

Um aspecto a se discutir no estudo da cidade e do espaço urbano é o significado e a importância de se postular uma produção do espaço urbano e não uma organização do mesmo. A ideia de produção do espaço está intimamente ligada à produção em geral, como diz Lefebvre (1991), produzir é produzir espaço. Assim, falar em produção do espaço é falar desse espaço como componente da produção social em geral, que tem uma lógica, uma dinâmica que é própria dessa produção social, de um modo de produção da sociedade. (CAVALCANTI, 2001, p. 15).

A cidade de Pirenópolis, tombada como conjunto arquitetônico, urbanístico, paisagístico e histórico pelo IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional, em 1989, o município conta com um Centro Histórico ornado com casarões e igrejas do século XVIII, como a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário (1728-1732), as Igreja de Nossa Senhora do Carmo (1750-1754) e de Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (1750-1754), além de prédios de relevante beleza arquitetônica como o Teatro de Pirenópolis, de estilo híbrido entre o colonial e neoclássico, de 1899, e o Cine Teatro Pireneus, em estilo art-déco, de 1919 e a Casa de Câmara e Cadeia construída em 1919 como réplica idêntica do original de 1733. A seguir as figuras 1, 2 e 3, mostram com detalhes algumas paisagens urbanas.

Figura 1: Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário – Pirenópolis (GO) – 2014.



Fonte: SILVA, 2014.

Figura 2: Centro Histórico – Pirenópolis (GO) – 2014.



Fonte: SILVA, 2014.

Figura 3: Centro Histórico – Pirenópolis (GO) – 2014.



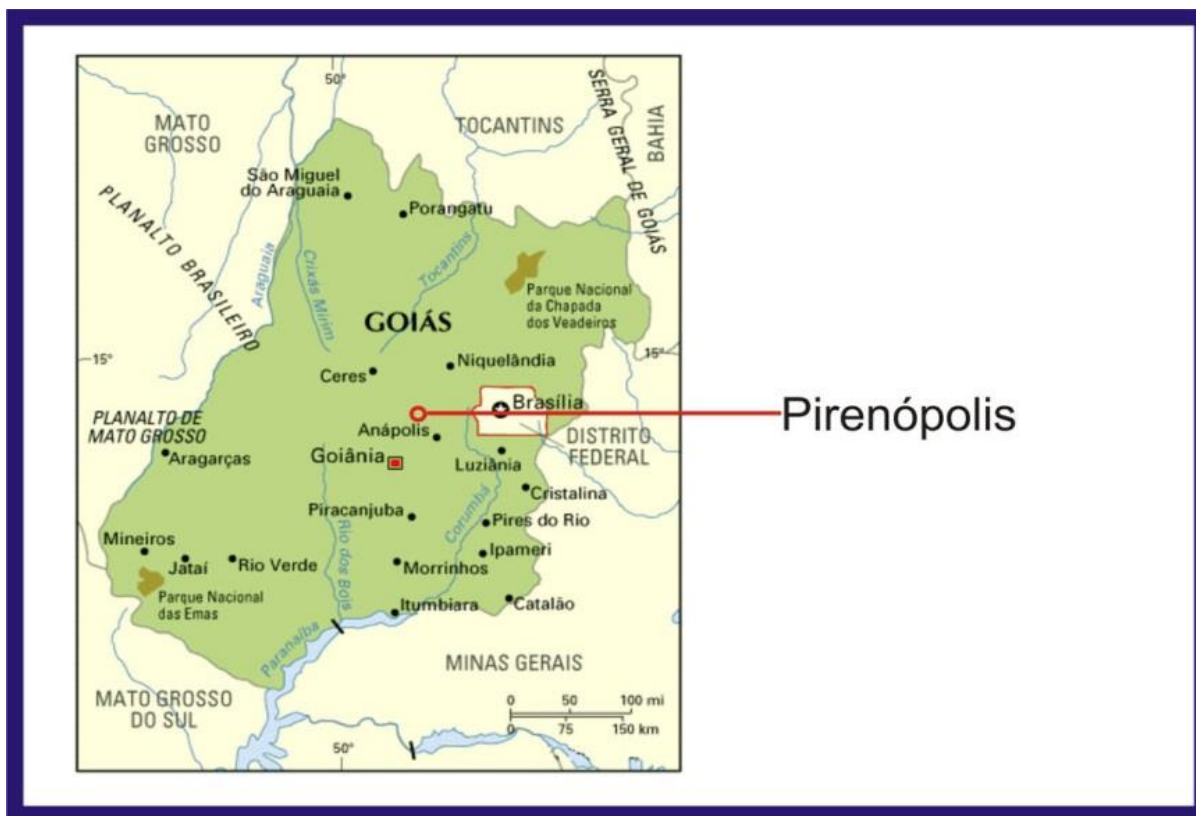
Fonte: SILVA, 2014.

Pirenópolis tem uma altitude de 770 metros. Sua população estimada em 2010 é de 23.065 habitantes. Possui uma área de 2227,793 km². O município é cortado de norte a sul por uma formação de cuesta. A leste temos a borda de um planalto, o Planalto Central Brasileiro, com altitudes médias acima dos 1.000 metros nesta região, de vegetação campestre e rochosa e cujos rios compõe a Bacia Platina, e a Oeste uma extensa planície de altitude média de 700 metros, de vegetação mais densa e cujos rios compõe a Bacia do Tocantins-Araguaia. A sede do município está localizada bem próxima a esta serra, num trecho conhecido como Serra dos Pireneus. (EMBRAPA, 2014).

Devido a essa topografia, é privilegiada no potencial turístico, possui clima agradável e a presença de centenas cachoeiras, que agradam os ecoturistas e amantes da natureza. Além do turismo, essas formações provêm matéria-prima para a exploração mineral do quartzito, rocha muito usada na construção civil, especialmente para pisos exteriores, conhecida comercialmente como Pedra de Pirenópolis, Pedra Goiana, Pedra Mineira ou Pedra de São Tomé (São Tomé das Letras é um município de Minas Gerais que também explora esse mineral). (EMBRAPA, 2014).

A seguir, a figura 4 mostra com detalhes a localização da cidade de Pirenópolis, (GO).

Figura 4: Mapa de Localização da cidade de Pirenópolis (GO) – 2014.



Fonte: Base cartográfica: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – (2014).

Pirenópolis é destacada como uma das principais atividades do município a mineração do quartzito. Com um Produto Interno Bruto (PIB) de R\$ 93,953 milhões em 2002, de acordo com dados da Secretaria de Planejamento do Estado de Goiás, o município tem cerca de 70% de sua economia ligada à extração do quartzito, o que representa movimentação de R\$ 65,76 milhões por ano. Há também, em menor escala, a exploração de calcários, pedras ornamentais, argila e areia. (EMBRAPA, 2014).

Em relação à pecuária, o maior número de produtores rurais trabalha com a pecuária de corte aos moldes tradicionais e extensivos. Há também a produção de leite e derivados. Já a agricultura se destaca pelo plantio de tomate, milho, mandioca, soja, seringueira, maracujá, tangerina e banana, sendo esta última a principal atividade na fruticultura. O comércio se resume a produtos básicos para a

população local e o comércio turístico, como artesanatos, roupas e lembranças, e se concentra no núcleo urbano. (EMBRAPA, 2014).

O artesanato típico de Pirenópolis provem da produção de bens de consumo básicos da população, como os tecidos rústicos feitos em teares de madeira e a cerâmica utilitária. Nas artes, temos os históricos trabalhos barrocos nos altares da Igreja Matriz, do Bonfim e do Carmo; desenhos e composições musicais do artista Antônio da Costa Nascimento (Tônico do Padre) do século XIX; poesias e pinturas em óleo sobre tela, em especial os contemporâneos Pérsio Forzani e José Inácio Santeiro.

Na década de 1980, foi introduzido por hippies o artesanato de joias de prata, que se difundiu no município e formou dezenas de atelieres. Pelo incremento do turismo, diversos artistas e artesões vieram a se estabelecer em Pirenópolis, o que aumentou consideravelmente a diversidade e a produção artística do município.

Compreender e explicar a produção do espaço urbano implica entender esse espaço como relacionado à sua forma, ou seja, a cidade, mas não se reduzindo a ela, à medida que expressa muito mais que uma simples localização e arranjo de lugares, expressa um modo de vida, seja ele qual for. Esse modo de vida não está ligado somente ao modo de produção econômica, embora sofra seu constrangimento, mas está ligado a todas as esferas da vida social como, cultural, simbólica, psicológica, ambiental e educacional, assim como foi citado ao longo do texto.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço urbano é crescente e exige para sua compreensão, um olhar sempre novo. Este olhar considera em aprender sobre a paisagem de uma cidade e aprender seu espaço como um lugar que ao mesmo tempo contem o mundo, o global e o local, com todas as suas particularidades; um lugar que intensifica as relações pessoas.



Nesse sentido, quem sabe perceber uma paisagem consegue entender o seu valor, perceber a sua importância dela em sua vida, criar vínculo afetivo com ela. A cidade que moramos, as cidades que visitamos cada lugar, cada paisagem tem um significado, uma lembrança e com isso, com a vivência naquele lugar, torna-se várias relações pessoais.

A cidade de Pirenópolis tem suas peculiaridades conforme foi mencionado ao longo do texto, por ser uma cidade histórica, uma cidade simples e com várias paisagens que podemos apreciar. Assim esse espaço urbano torna a vivência e várias relações para as pessoas que habitam nesse lugar.

Para a geografia física já se percebe uma grande mudança ao se focar a problemática da paisagem, levando sempre em conta o homem, que é o grande precursor sobre ela, pois está em constante mudança tendo relações com as paisagens, construindo ou desconstruindo.

Sendo assim, a cidade, o espaço urbano e as paisagens urbanas está sempre se relacionando, uma ligada à outra, estão em constante movimento. A cidade representa trabalho materializado, ou seja, o homem que produz e ao mesmo tempo em que representa uma determinada forma do processo de produção e reprodução de um sistema específico, portanto a cidade é também uma forma de apropriação do espaço urbano produzido.

REFERENCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Informação e documentação – referências e elaboração**: NBR 6023. Rio de Janeiro, 2002. 22p.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Coleção repensando a geografia, 1992. 7-35p.

_____. **A (Re)Produção do Espaço Urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. 43-82p.

CAVALCANTI, L. S; MORAES, E. M. B; RAMOS, M. E; ARRAIS, T. P. A; PEIXOTO, V. M. R. **GEOGRAFIA DA CIDADE**. A Produção do Espaço Urbano em Goiânia. Goiânia: Editora Alternativa, 2001. 11-32 p.

CORRÊA, R. L. **O ESPAÇO URBANO**. São Paulo: Editora Ática S.A, 1989. 7-35p.



CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. 7-85p.

EMBRAPA. Disponível em: <https://www.embrapa.br/>. Acesso em: 30 de julho de 2014.